



Mundos musicais de crianças moradoras de comunidades negras de Salvador: desafios éticos e metodológicos do pesquisador

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Angela Elisabeth Lühning
Angela_luehning@yahoo.com.br

Aaron Roberto de Mello Lopes
aaronmlopes@yahoo.com.br

Flávia Cachinesi Diniz
flacdiniz@hotmail.com

Resumo: Partindo das “paisagens sonoras” de dois bairros populares de Salvador, BA, este artigo procura refletir sobre os “mundos musicais” de crianças, pré-adolescentes e adolescentes envolvidos nas pesquisas acadêmicas do grupo de pesquisa autor deste artigo. Além disso, esse artigo discute os desafios éticos e metodológicos na pesquisa de campo e a necessidade e/ou pertinência da aplicação e exposição de questionários, do registro e exposição de depoimentos e imagens, pois, se de um lado confere-se autonomia aos sujeitos da pesquisa ao se explicitar a autoria de seus relatos, narrativas e opiniões, do outro, podem ocorrer problemas gerados pela revelação de seus nomes e imagens.

Palavras-chave: Paisagem Sonora. Mundos Musicais. Pesquisa Ação. Ética em Pesquisa. Metodologia em Pesquisa de Campo.

Children’s Musical Worlds of Two Black Communities in Salvador: Ethical and Methodological Challenges for Researchers

Abstract: From the "soundscapes" of two black communities in Salvador, BA, this paper discusses the children, pre-teens and teens’ "musical worlds" involved in academic researches of the research’s group GEMBA. In addition, this article discusses the ethical and methodological challenges of fieldwork and the necessity or relevance of the application and exposure of questionnaires, registration and exhibition of testimonials and pictures: on one hand, to clarify the authorship of their stories, narratives and opinions confers autonomy to the subject of research, on the other hand the disclosure of their names and images risks may cause problems.

Keywords: Soundscapes. Musical Worlds. Action Research. Research Ethics. Methodology in Fieldwork.

1. Paisagens Sonoras locais

Andando pelas ruas do Engenho Velho de Brotas, antigo bairro popular com população de maioria negra em Salvador, entrecruzam-se sons e músicas os mais diversos, em carros de som, caixas de som de grande potência expostas do lado de fora das casas, performances de grupos musicais ocasionais ou amadoras em bares, ruas, praças e largos, além de shows de grupos profissionais em espaços destinados a isso, como espaços de shows. Nesta paisagem sonora extremamente complexa e com altos níveis de decibéis, os gêneros musicais mais executados/ expostos são o pagode baiano, os sambas de roda e de quintal, e o

arrocha¹. Além disso, essas músicas e gêneros musicais convivem/competem com sons oriundos de espaços religiosos, como igrejas católicas e evangélicas e candomblés, fazendo com que a cena musical do bairro se torne ainda mais complexa. Por causa dessa característica, de grande efervescência e pluralidade musical, cultural e religiosa, o Engenho Velho de Brotas é considerado um bairro de grande importância cultural para a cidade. Nesse contexto atua o Espaço Cultural Pierre Verger, parte comunitária da Fundação Pierre Verger, oferecendo oficinas gratuitas de arte-educação, cultura e esporte para todas as faixas etárias, tendo como foco principal a valorização da cultura afro-brasileira. Neste artigo, o foco é a Oficina da Banda de música, grupo composto por crianças e adolescentes.

Diferente do Engenho Velho de Brotas, o Bate Facho é uma comunidade e não um bairro, nos limites entre os bairros de Pituaçu, Boca do Rio e Imbuí, tendo, portanto, extensão e população bem menores e uma trajetória de existência mais recente. Encontramos, no entanto, uma paisagem musical parecida, porém sem a presença de grupos musicais profissionais conhecidos ou espaços de realização de shows no interior da comunidade. Os cultos afro-brasileiros são praticados discretamente por parte dos moradores, em contraste à forte e ostensiva presença das igrejas evangélicas neopentecostais. A Igreja Batista mantém na comunidade uma escola de música evangélica gratuita. Nas ruas, em frente aos bares, escuta-se, sobretudo, o arrocha e o pagode baiano, amplificado nos sons dos carros e acompanhado de coreografias e figurinos sensuais, sobretudo pelas meninas e gays. No trabalho desenvolvido pelo Grupo de Capoeira Angola Zimba, os jovens escutam, aprendem, cantam e tocam, além de música da capoeira, percussão afro-brasileira. A presença do grupo de capoeira, desde a implantação da sede em 2009, tem sido responsável pela diversificação da

¹ O pagode e o arrocha ainda são poucos estudados e há poucas referências sobre eles. Destas, destacamos os trabalhos: NASCIMENTO, Clebemilton. *Pagode Baianos entrelaçando sons, corpos e letras*. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6438/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%20clebemilton.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2014. ROSA, Laila Andressa. "Um tapa na bunda, na cara um puxão de cabelo eu sei que você gosta...": a música e a representação da mulher no arrocha. Seminário Internacional *Enfoques Feministas no Século XXI*, dezembro de 2005, Salvador. DINIZ, Flávia Cachinesi. A resposta feminista de Nara Costa às representações sexistas da mulher na cena musical do Arrocha. Anais do *Fazendo Gênero 10*, Desafios atuais dos feminismos, 16 a 20 set. 2013, Florianópolis. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384881786_ARQUIVO_FlaviaCachinesiDiniz.pdf. Acesso em: 9 jun. 2014. Sobre o samba de roda, tombado Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO em, existem muitos trabalhos disponíveis, entre eles indicamos LIMA, Cássio Leonardo Nobre De Souza. *Viola nos sambas do Recôncavo Baiano*. Dissertação de mestrado. Salvador, 2008.

¹ Mais detalhes sobre os diferentes grupos sociais com seus gostos musicais que compõem o universo cultural e sonoro do bairro em LÜHNING, Angela. Al borde de la Copa: transformaciones de la música y la vida comunitaria en Salvador, Bahía. *Boletín Musica*, n. 32, (Havana), p.42- 49. Disponível em: <http://www.casadelasamericas.org/publicaciones/boletinmusica/32/tematicos.pdf>. Acesso em 9 jun. 2014.

paisagem musical na comunidade, com suas eventuais rodas na rua, seguidas de samba de roda e apresentações do grupo de percussão, contribuindo para evidenciar a presença de pessoas de idade avançada na comunidade, detentoras de saberes como o samba de roda e o samba chula.

Diante desses cenários culturais complexos, este artigo busca discutir questões culturais pelas quais passam os atores sociais, moradores destes dois bairros, que freqüentam o Espaço Cultural Pierre Verger e o Grupo Zimba de Capoeira Angola, tendo como foco principal crianças e adolescentes que convivem e interagem com essas paisagens sonoras e criando os seus próprios “mundos musicais” (FINNEGAN², 1998 *apud* ARROYO, 2002).

O fato de realizarmos pesquisa-ação com público de crianças e adolescentes traz um desafio ainda maior para a etnografia e discussões acerca de ética e cuidados com a exposição dos pesquisados se tornam fundamentais. Para essa discussão, partimos do texto de Kramer (2002), que problematiza essa questão de maneira contundente, trazendo-a para os dias atuais, principalmente no que se refere à exposição virtual dos sujeitos da pesquisa, incluindo as reflexões de Zeichner (1998), Carlos Caroso (2004) e Samuel Araújo (2009) sobre assimetria de poder entre pesquisadores e pesquisados, influenciando as questões éticas e metodológicas na pesquisa.

2. Os “mundos musicais” dos pagodeiros do Engenho Velho e dos capoeiristas do Bate Facho

Os sujeitos deste estudo são moradores dos bairros estudados e moram próximos dos locais de pesquisa. Com idades entre 10 a 14 anos, na Fundação Pierre Verger, e de 10 a 18, no Bate Facho, apesar de estarem na faixa etária conhecida como infância, pré-adolescência e adolescência, eles se comportam todos como os grupos juvenis, trocando músicas e informações, criando redes de interesse musical, moldando identidades e criando tribos ou grupos culturais (ARROYO, 2002).

Nesse sentido, no Engenho Velho de Brotas, a maioria dos alunos do grupo pesquisado (composto majoritariamente por meninos – tem apenas uma menina) se define como “pagodeiros”, buscando pertencer ao universo de indivíduos com os mesmos interesses e práticas musicais. Portanto, ao se auto-afirmarem como pagodeiros, os atores sociais dessa pesquisa buscam, apesar da idade não se enquadrar na chamada juventude, se aproximar do

² Finnegan, Ruth. *The hidden musicians: making-music in an English town*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, extraída do artigo de Arroyo (2002).

mundo musical relacionado ao gênero musical, o qual vai além da mera sonoridade e envolve, entre outras coisas, a maneira de se vestir, de interagir com o outro, ser fluente em um mesmo vocabulário e frequentar os mesmos locais sociais. Portanto, para pertencerem ao mesmo grupo social, eles buscam ter pensamentos e comportamentos semelhantes.

Para Lima (2002), as definições e mudanças de gerações tem a ver mais com os acontecimentos históricos do que com as faixas etárias ou quantidade de anos passados. Uma geração se define como um momento histórico onde pessoas com idades relativamente próximas vivenciam as mesmas coisas e pensam e agem de maneira análoga a partir disso.

No grupo de alunos da oficina Banda de Música, ministrada no Espaço Cultural Pierre Verger e objeto dessa pesquisa, essas relações musicais juvenis praticadas pelos alunos são muito evidentes. A oficina surgiu em 2011 devido ao fato destes alunos terem, na época, criado, por conta própria, uma banda de pagode onde eles tocavam e dançavam e, de certa forma, geriam o seu próprio grupo musical, realizando apresentações em festas de aniversário e nas casas de amigos. O repertório desse grupo, predominantemente composto por pagodes e sambas-de-roda, refletia a relação destas crianças com o “mundo musical” onde estão inseridos: família, relações de amizade, vizinhança, bairro.

Devido a isso, o repertório da banda não incluía músicas infantis e/ou músicas feitas para crianças. Antes, o grupo apreciava e executava pagodes de sucesso na época, de bandas cujo público alvo é composto predominantemente por jovens/adultos, e em cujo repertório a sexualidade e o jogo de palavras lúdico com conotação de duplo sentido é muito explícito. Nesse sentido, executavam-se principalmente músicas das bandas Black Style, New Hit (Banda que foi dissolvida após um escândalo de abuso sexual dos integrantes a duas fãs), Igor Kannário e A Bronkka, todas conhecidas pelo excessivo apelo sexual. Apesar de tocarem essas músicas, muitos alunos não tinham conhecimento do conteúdo erótico a que estavam submetidos, e a oficina tentou discutir essas questões com eles, problematizando-as e buscando ressignificar o pagode, através da composição de músicas com outros conteúdos, tirando o foco da sexualidade, além de apresentar outras músicas de outros gêneros musicais a eles.

Porém, eles também executavam pagodes com outros conteúdos, como algumas músicas do Psirico - um dos grupos de pagode oriundo do bairro que faz sucesso nacional (além do Pagodarte) - e do Fantasmão, as quais cometam e denunciam algumas questões da realidade dos bairros de periferia pobre de Salvador. Além de pagode, tocavam também muitos sambas-de-roda, principalmente do grupo Samba Comunidade - banda criada por um

vizinho da mesma rua onde a maioria dos meninos mora (e que faz um relativo sucesso em Salvador).

Já na comunidade do Bate Facho, a identificação dos pré-adolescentes e adolescentes com o pagode e com o funk, explicitamente marcada pelas modas de se vestir e pelos repertórios musicais preferidos nos celulares, cantarolados e batucados de forma displicente, ou após os sambas de roda de final de roda de capoeira e nas aulas de percussão, tem dividido espaço com a cultura musical em torno da capoeira angola, composta por diferentes gostos musicais, do reggae ao samba de roda, trazidos pelos adultos. A música da capoeira, através da ampla divulgação de CDs de mestres novos e antigos na internet, é muito escutada pelos meninos em treinos, além de acessível à sua participação durante as rodas de capoeira, quando se tornam exímios e prestigiados afinadores e tocadores de berimbau, além de puxarem em muitos momentos o canto como solistas.

Quem tem mais contato com a faceta “pagodeira”, “funkeira” e “arrocheira” dos jovens capoeiristas é o professor de percussão, que ensina desde toques sagrados dos cultos afro-brasileiros e samba de roda aos atabaques, até toques de blocos afro e bateria de escolas de samba, desde 2010. Deparando-se com o interesse dos meninos pelo pagode e o funk, a estratégia do professor tem sido incluir o aprendizado de seus aspectos rítmicos e suas “paradinhas”, “viradinhas” ou convenções bastante complexas, mostrando a possibilidade de utilizar paródias ou compor novas letras sob perspectivas não sexistas. Assim, somando-se ao acesso proporcionado pela oficina de percussão à diversidade musical da cultura negra, intervenções educativas tem tido espaço, sem a necessidade de censurar ou desqualificar o gosto musical dos jovens por gêneros que alcançam grande popularidade local através da mídia.

3. Desafios etnográficos da pesquisa com crianças

Em artigo intitulado *Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças*, Sonia Kramer (2002, p. 42) discute a relação pesquisador-adulto/pesquisado-criança, partindo de três perguntas básicas: 1. “os nomes verdadeiros das crianças – observadas ou entrevistadas – devem ou não ser explicitados na apresentação da pesquisa?”; 2. “no caso de serem usadas e produzidas imagens das crianças (fotografias, vídeos ou filmes), a autorização dada pelos adultos, em geral seus pais, é suficiente, do ponto de vista ético, para a sua divulgação?”; 3. “que implicações ou impacto social têm os resultados de trabalhos científicos? Ou, dizendo de outra forma, é possível contribuir e devolver os achados, evitando

que as crianças ou jovens sofram com as repercussões desse retorno no interior das instituições educacionais que frequentam e que foram estudadas na pesquisa?”.

Segundo Kramer (2002), essas questões surgiram ao longo das suas pesquisas e, apesar da ampla discussão, ela afirma não ter respostas únicas e simples, já que existem interesses diferentes envolvidos. A autora lembra que muitos pesquisadores têm se esforçado para entender a criança enquanto “cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história” (Ibid., p.44). Nesse sentido, o grande desafio é como abordar a criança como sujeito autônomo, levantar dados, sem expô-la, mas também sem tirar a autoria das percepções das crianças/adolescentes em relação aos assuntos tratados.

Estas preocupações de caráter ético-metodológico são comuns às pesquisas nas áreas das ciências sociais e humanas, mesmo que não tratem especificamente da pesquisa com crianças e adolescentes. Carlos Caroso (2004, p. 138), por exemplo, reconhece a “encruzilhada ética” em que o pesquisador se encontra: os questionários, depoimentos e imagens são vistos como necessários para fornecer evidências de que os fatos são reais; por outro lado, surgem sempre questionamentos sobre a necessidade e pertinência da exposição dos sujeitos da pesquisa.

Em relação à questão da autonomia dos sujeitos, Samuel Araújo (2009), traz outro aspecto importante: a assimetria de poder nas relações entre pesquisadores e pesquisados, quando os primeiros geralmente representam uma instituição universitária ou grupos sociais material e simbolicamente privilegiados em relação aos segundos. Destacamos que uma das evidências desta desigualdade de poder na pesquisa é a tendência, não rara, dos pesquisados responderem aos questionários ou darem depoimentos condizentes ao que acreditam que os pesquisadores querem ouvir, fato que explicita a relação de subalternização social reproduzida na pesquisa acadêmica. Algumas propostas de Araújo (2009) para tentar transformar tais impasses são: 1. realização de pesquisas colaborativas, desde a escolha da temática à co-autoria de textos; 2. engajamento sociopolítico de longo prazo por parte do pesquisador em relação às demandas dos indivíduos, grupos ou comunidades sujeitos das pesquisas.

No entanto, como nos lembra Zeichner (1998), para que pesquisas colaborativas tenham sucesso é necessário o rompimento radical das hierarquias entre as comunidades epistêmicas envolvidas, não apenas no âmbito das tomadas de decisão sobre os temas e usos das pesquisas, como no que tange a auxílio financeiro que possibilite a desejada autonomia e participação colaborativa dos interlocutores-colaboradores, incluindo a distribuição das benesses auferidas a partir da pesquisa - prestígio profissional ou recursos materiais -, evitando a exploração dos pesquisados pelos pesquisadores.

Voltando às reflexões de Kramer, gostaríamos de chamar atenção para uma questão fundamental em relação aos dois públicos aqui discutidos: a possibilidade de trabalhar com questionários. Em geral, adolescentes teoricamente tem mais habilidade para responder questionários, assim oferecendo alternativas que facilitam abordagens mais quantitativas, tornando possível evitar abordagens que exponham as pessoas ou suas opiniões individualmente. Já crianças dificilmente podem ser inseridas em tais processos, já que o questionário não funcionaria devido à provável ausência de um domínio satisfatório sobre a compreensão de enunciados pela leitura/escrita, ainda mais no caso da presente pesquisa, sabendo das dificuldades crônicas no processo de letramento, comum no ensino das escolas públicas, especialmente acentuado entre meninos, o que também impediria um processo colaborativo com co-autoria como sugerido acima por Araujo.

Quer dizer, estas questões (aparentemente apenas) metodológicas, na verdade, expressam questões de ética de forte caráter político e trazem no seu cerne também uma discussão sobre duas habilidades, em geral sendo usadas de forma complementar: oralidade e cultura escrita, que aqui constituem um divisor de águas na forma de levantar e processar informações. No trabalho com crianças teríamos, portanto, procedimentos mais voltados para a oralidade, como na história oral, porém, vinculados a um público específico, de fato mais vulnerável, embora extremamente importante para a compreensão de muitos dos processos de formação e convivência na sociedade contemporânea. Na outra face, a opção por questionários com adolescente, apesar de úteis para uma pesquisa quantitativa, reduz o caráter autoral das opiniões individuais desses sujeitos.

Para além dessas perguntas, feitas por Kramer (2002) há 12 anos, outras surgem nos dias de hoje: Seriam os questionários, depoimentos (orais ou escritos) e imagens seriam de fato necessários e/ou pertinentes? As exigências de "dados" quantitativamente avaliáveis e comprováveis seriam ainda um resquício da suposta neutralidade do pesquisador ou em sua separação do "objeto" da pesquisa? O inserção da trajetória do próprio pesquisador em relação aos sujeitos pesquisados não traria mais esclarecimentos sobre a confiabilidade de suas interpretações do que a exposição de nomes e a exposição e quantificação de dados obtidos através de questionários?

Em segundo lugar, surgem perguntas referentes à vida virtual das pessoas nas redes sociais: como tratar, nos dias atuais, as questões entre autoria, autorização, exposição e anonimato, em uma época na qual a hipermidiatização está muito acentuada? Como os protagonistas de nossas pesquisas/observações, crianças e adolescentes que alimentam, por conta própria e sem autorização dos seus pais, suas redes sociais e se comunicam por elas,



lidam com sua privacidade, expondo-a sem preocupações, e entendem esses meios até como uma possibilidade de visibilidade social, tantas vezes negada a eles?

Todas essas questões deixam dúvidas sobre como nós, enquanto pesquisadores, temos que lidar com essas situações de campo e sociais relativamente novas. Assim como Kramer (2002), ainda não temos respostas para todas essas questões, mas entendemos que devemos levantar essas discussões, pois, assim como nossos próprios colaboradores, nós também estamos mais expostos, por causa da internet, em artigos disponibilizados via internet através de sites como *scielo* e repositórios acadêmicos das universidades. Diante disso, expor os colaboradores, mirins ou não, das nossas pesquisas com indicações de nomes, opiniões e imagens, exige um cuidado ainda maior com a exposição excessiva (mas inevitável?), tanto dos colaboradores das pesquisas, quanto dos próprios pesquisadores.

Referências:

ARAÚJO, Samuel. "Diversidade e desigualdade entre pesquisadores e pesquisados. Considerações teórico-metodológicas a partir da etnomusicologia." *Desigualdade e diversidade*. Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio. No. 4. Janeiro/junho, 2009, pp. 173-191.

ARROYO, Margarete. Mundos musicais locais e educação musical. *Em Pauta*. vol. 13, n. 20, 2002, pp. 95-122. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/8533> . Acesso em: 9 jun. 2014.

CAROSO, Carlos. "A imagem e a ética na encruzilhada das ciências", in VICTORIA et. al. (orgs.), *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil*, Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004, pp. 137-150.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, julho/2002, p. 41-59. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14398.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2014.

LIMA, Ari. Funkeiros, timbaleiros e pagodeiros: Notas sobre juventude e música negra na cidade de Salvador. *Cad. CEDES*. vol.22, no.57, Campinas. 2002, pp. 77-96. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n57/12004.pdf> . Acesso em 9 jun. 2014.

ZEICHNER, Kenneth M. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico In: GERALDI, Corinta M.; FIORENTINI, Dario & PEREIRA, Elisabete M. (orgs.) *Cartografia do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Campinas, Mercado de Letras?ABL, 1998.